

O DISCURSO DA TV E DO STREAMING SOBRE TRANSGENERIDADE A PARTIR DE LAERTE

THE TV AND STREAMING SPEECH ON TRANSGENERITY FROM LAERTE

EL DISCURSO DE LA TV Y EL STREAMING SOBRE TRANSGÉNERO DE LAERTE

*Diego Gouveia Moreira**

RESUMO:

O reconhecimento da cartunista Laerte como mulher transgênera mobilizou a atenção da TV e do Streaming. Este artigo problematiza como se constitui o discurso midiático sobre transgeneridade a partir de Laerte no Profissão Repórter e no Conversa com Bial, da Rede Globo, no documentário Laerte-se, da Netflix, e no programa Transando com Laerte, do Canal Brasil. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica sobre o papel da linguagem audiovisual na educação da sociedade, bem como leituras sobre gênero e sexualidade. Além disso, os objetos foram acompanhados com registros em diários de observação, com transcrição de momentos em que a questão de gênero foi discutida. Por fim, percebe-se uma tematização, nos programas da Rede Globo e no documentário da Netflix, sob o ponto de vista da exotificação, enquanto Transando com Laerte prioriza uma valorização das humanidades.

Palavras-chave: Televisão. Streaming. Discurso. Transgeneridade. Laerte.

ABSTRACT:

The recognition of cartoonist Laerte as a transgender woman attracted the attention of TV and Streaming productions. This article discusses how the media discourse on transgenderism is constituted from Laerte in Profissão Repórter and Conversa com Bial, from Rede Globo, in the documentary Laerte-se, from Netflix, and in the program Transando com Laerte, from Canal Brasil. For this, a bibliographical review will be carried out on the role of audiovisual language in the education of society, as well as readings on gender and sexuality. In addition, the objects were followed up with records in observation journals, with transcription of moments in which the issue of gender was discussed. Finally, there is a thematization in Rede Globo's TV show and in the Netflix documentary from the point of view of exoticization, while Transando com Laerte prioritizes an appreciation of the humanities.

Keywords: Television. Streaming. Discourse. Transgender. Laerte.

RESUMEN:

El reconocimiento de la dibujante Laerte como mujer transgénero llamó la atención de las producciones audiovisuales. Este artículo discute cómo se constituye el discurso mediático sobre la transgeneridad desde Laerte en Profissão Repórter y Conversa com Bial, de Rede Globo, en el documental Laerte-se, de Netflix, y en el programa Transando com Laerte, de Canal Brasil. Para ello, se realizará una revisión bibliográfica sobre el papel del lenguaje audiovisual en la educación de la sociedad, así como lecturas sobre género y sexualidad. Además, los objetos fueron acompañados de registros en diarios de observación, con transcripción de momentos en los que se discutió el tema de género. Finalmente, hay una tematización en los programas de Rede Globo y en el documental de Netflix desde el punto de vista de la exotización, mientras que Transando com Laerte prioriza la apreciación de las humanidades.

Palabras-clave: Televisión. Streaming. Discurso. Transgénero. Laerte.

*Professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3422-5841>
E-mail: diego.moreira@ufpe.br

1 INTRODUÇÃO

Embora abordado em seus trabalhos desde 2005, foi em 2010, aos 59 anos, que a cartunista Laerte anunciou o processo de identificação com o gênero feminino. Ela conquistou, depois de sua transição de gênero, nos termos de Foucault (2007), o direito regulamentar para proferir discursos relacionados à gênero e sexualidade. Para isso, adquiriu as competências e os critérios necessários para produção de discurso sobre a temática a partir da experiência pessoal e também da atuação em movimentos sociais¹. Também contribuíram para que a cartunista se tornasse referência na luta do coletivo transgênero no Brasil: a reportagem, em 2013, da revista *Rolling Stone*, em que posou nua; a polêmica por ter sido recriminada, em 2012, por outra mulher quando estava no banheiro feminino; e o processo contra o jornalista Reinaldo Azevedo, que a acusou, em 2015, de representar as “microditaduras das minorias” e se referiu a ela como “um homem que anda por aí vestido de mulher” (SECO, 2016). Assim, Laerte definiu sua posição diante da sociedade e conseguiu ser reconhecida como agenciadora de discursos sobre transgeneridade.

Desde então, ela, que já despertava o interesse dos meios de comunicação pelos quadrinhos criados² e pela morte de um filho³, passou a conceder entrevistas e também realizá-las para tratar da transgeneridade em emissoras de TV e plataformas de *Streaming*⁴, meios de comunicação que alcançam um número alto de espectadores e que, a partir dos conteúdos veiculados em suas produções, podem levar a audiência a compreender questões sociais importantes a partir da perspectiva da garantia de direitos.

A TV brasileira aberta, por exemplo, está presente em 96,4% dos domicílios brasileiros. Os canais pagos somam 15,7 milhões de assinantes. Nos índices que medem a incidência da mídia na população, a TV aberta aparece como a de maior penetração no total dos habitantes, alcançando 88% dos brasileiros. A TV por assinatura desponta como a quinta mídia, com 39%, atrás da primeira colocada e da mídia out-of-home (publicidades em ambientes urbanos), mídia digital, rádio AM-FM (MÍDIA DADOS, 2020). Esses dados mostram o impacto que a TV tem para pautar a sociedade. Diante disso, é imprescindível lembrar que os canais de televisão são concessões públicas e devem seguir as orientações da Constituição Brasileira que determina: “a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas” (BRASIL, 1988). Dessa forma, a televisão tem um papel fundamental na educação da população. Ao agendar discussões, tem a oportunidade de estabelecer formas de se entender a realidade e também determinar modos de ser, ver e viver.

A mídia opera, conforme Fischer (2002), na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem”.

Entendo que a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISCHER, 2002, p. 154).

Acompanhando o papel da TV na sociedade, os serviços de streaming também têm arregimentado multidões. A Netflix encerrou 2020 com 204 milhões de assinantes no mundo, sendo 17 milhões de brasileiros, mais do que a quantidade de assinantes de TV (STYCER, 2020). Assim como as emissoras de TV, também opera como um dispositivo produtor de compreensões sobre a realidade, incluindo questões de gênero e sexualidade. Teresa de Lauretis (1994) diz que a mídia atua como uma tecnologia de gênero.

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero (LAURETIS, 1994, p. 228).

[1]A cartunista ajudou a criar a Associação Brasileira de Transgêneros.

[2]Atua como cartunista desde 1970. É considerada uma das artistas mais importantes da área no país.

[3]Em 2005, perdeu um de seus três filhos, Diogo, então com 22 anos, num acidente de carro.

[4]Meio que possibilita transmitir e acessar conteúdos pela internet em qualquer dispositivo com conexão e em tempo real sem a necessidade de download.

Os meios de comunicação contribuem, assim, para os entendimentos que as pessoas vão ter em relação a questões de gênero e sexualidade. Não foi apenas mais recentemente, no entanto, que esse assunto passou a ocupar a agenda midiática. Os programas policiais ou sobre excentricidades de TV, ao falarem sobre Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Questionando, Intersex, Assexuais, Arromânticas, Agêneras, Pansexuais, Polisssexuais e mais (LGBTQIAP+), em situação de conflito com a lei, tematizam o assunto de forma agressiva e utilizam linguagem depreciativa para enunciar esse grupo social (HARTMANN, 2014; OLIVEIRA, 2018). As telenovelas e os humorísticos tematizam o assunto com deboche e discriminação. Predomina, assim, o aspecto desumanizador, que ridiculariza as pessoas trans (RIBEIRO, 2010).

Não se notava na TV um avanço no debate social em relação ao assunto. Duas condições estimularam uma mudança no tratamento dado pela mídia ao tema: a ampliação e a maior visibilidade de movimentos sociais de LGBTQIAP+ e a necessidade de as emissoras comerciais serem vistas como socialmente responsáveis a partir de uma estratégia de marca para o mercado. Os grandes grupos econômicos brasileiros viram, na redemocratização, um cenário propício para legitimar o processo de globalização. Com as leis de mercado acima de qualquer outra, a ideologia do progresso e a ênfase na produtividade e nos bens de consumo ganharam mais espaço (ROCHA, 2010).

Nesse contexto, percebe-se, de 2012 até 2022, um movimento para abordar gênero e sexualidade em produções do grupo Globo, maior indústria televisiva brasileira com maior cobertura e número de telespectadores (MÍDIA DADOS, 2020), sob pontos de vista diferentes, incluindo a educação para o tema e apontamentos sobre direitos LGBTQIAP+. Houve especiais sobre transgeneridade nos jornalísticos da Rede Globo: *Profissão Repórter*, em 2014, 2016, 2019 e 2022; *Globo Repórter*, em 2016; *Fantástico*, com o quadro *Quem Sou Eu?*, em 2017, *Conversa com o Bial*, no mesmo ano. No entretenimento, *Amor & Sexo* abordou a questão em 2017 e ficções seriadas tematizaram o assunto a partir de 2012 com *Salve Jorge* (2012), *A Força do Querer* (2017), *Malhação* (2018), *Bom Sucesso* (2019), *A Dona do Pedaço* (2019), e *Segunda Chamada* (2019).

Nos canais pagos do grupo, pessoas transgêneras foram protagonistas na série documental *Liberdade de Gênero* (2016 e 2017) do GNT, nos programas de entrevista *Transando com Laerte* (a partir de 2015) e *Transmissão* (2019), ambas do Canal Brasil, além das ficções seriadas *Toda forma de amor* (2019), *Nós* (2020) e *Perdido* (2020), também do Canal Brasil. Os dois canais também veicularam documentários e filmes produzidos por outras empresas.

A Netflix lançou os documentários *Laerte-se* (2017) e *Revolução* (2020), além de também investir em seriados como *Sense 8* (2015), *Orange is the new black* (2013), *Control Z* (2020) e contar com filmes e outras produções que abordam gênero e sexualidade.

Este artigo surgiu a partir do olhar lançado pelas emissoras de TV abertas e pagas, além de plataformas de *Streaming* para a transgeneridade a partir de Laerte. A partir disso, foram mapeadas as produções em que o tema é discutido. Laerte participou de programas em outras emissoras. Esteve no *Roda Viva*, da TV Cultura, e também no *De frente com Gabi*, do SBT, em 2012, mas, para esta pesquisa, foram considerados os produtos do maior grupo de TV do Brasil, o Grupo Globo, e da plataforma de streaming de outro grupo com maior número de assinantes, a Netflix. O Globoplay conta com 20 milhões de assinantes, três milhões a mais que a Netflix (SOUZA, 2020), mas não havia no aplicativo da Globo conteúdos diferentes dos exibidos na TV.

As discussões, em torno da transgeneridade a partir de Laerte, aparecem na edição de 18 de novembro de 2014 do *Profissão Repórter*, da Rede Globo, na entrevista para o *Conversa com o Bial*, em 25 de julho de 2017, no documentário *Laerte-se*, da Netflix, e em edições em que se discute gênero do programa de entrevista *Transando com Laerte*, do Canal Brasil, no qual ela é a entrevistadora. Este trabalho problematiza, então, como se constitui o discurso midiático sobre a transgeneridade a partir da cartunista Laerte nessas três produções. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre discurso a partir das teorias de Michel Foucault (2007), bem como estudos sobre gênero e sexualidade com as postulações de Butler (2016), Preciado (2014a; 2014b) e Foucault (2009). Os programas foram acompanhados em diários de observação com decupagem das entrevistas. A pesquisa realizada é qualitativa, uma vez que os programas foram analisados a

partir dos dados coletados e descritos nos diários de observação. O trabalho também possui natureza descritiva, uma vez que estes correspondem a diários de campo, utilizados como ferramenta de sistematização dos dados para sua posterior análise. Os diários são compostos pela transcrição das falas de Laerte e dos entrevistadores e entrevistados. A partir disso, foram identificadas recorrências enunciativas no tratamento dado à transgeneridade a partir de Laerte. Antes, no entanto, é importante conhecer mais sobre a cartunista.

2 A CONTRIBUIÇÃO DE LAERTE NA ENUNCIÇÃO SOBRE A TRANSGENERIDADE

Reconhecida mundialmente, com mais de 50 anos de atuação como cartunista, mais de 20 livros publicados, Laerte Coutinho teve, ao longo de sua carreira, seus trabalhos veiculados, desde os anos 70, em importantes meios de comunicação, como *Banas*, *Balão*, *O Bicho*, *O Pasquim*, *Gazeta Mercantil*, *Oboré*, *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*. É responsável, junto com os também cartunistas Glauco e Angeli, pela promoção de um novo humor a partir de suas tirinhas. As marcas de seus trabalhos são os traços sujos e a vocação anarquizante (BUCCHIONI, 2016).

Desde 2005, Hugo, um de seus personagens e, considerado por ela mesma seu alter ego, passou a se entender como Muriel. "Durante o processo de criação de Hugo e Muriel, Laerte revela seu próprio processo de transição e autoidentificação como artista trans e se torna, pouco a pouco, porta-voz de comunidades transgêneras, marginalizadas no Brasil" (BULLA, 2019).

Em 2009, Laerte vivenciou uma experiência como *cross dresser*⁵. No ano seguinte, lançou *Muchacha*, coletânea de quadrinhos sobre os bastidores de uma série televisiva. No livro, um dos personagens, Djalma, se veste de mulher. Em setembro de 2010, concedeu entrevista para a Revista *Bravo!*, extinta publicação do Grupo Abril, em que expõe publicamente a decisão por se vestir de mulher completamente ou parcialmente.

A repercussão levou a cartunista a ser entrevistada por outras mídias. A Folha de São Paulo chegou a perguntar em novembro de 2010: "Você está louco, Laerte?" (FINOTTI, 2010). O fato é que a mudança na vida de Laerte atraiu a atenção da mídia. Desde então, a cartunista exprime distintos entendimentos públicos sobre gênero. Já se definiu como travesti, pessoa transgênera em processo de reconhecimento sobre sua própria identidade e também em conformidade com as discussões de movimentos sociais LGBTQIAP+ sobre o tema.

O programa que abriu a possibilidade de abordar transgeneridade a partir de uma perspectiva comportamental e de direitos, na Rede Globo, foi o *Profissão Repórter*. Iniciado em 1995 como um quadro do *Fantástico*, retornou em 2006 e teve três edições especiais em 2007. Tornou-se um programa independente na grade de programação da Globo a partir do dia 3 de junho de 2008. Comandado por Caco Barcellos, a aposta é ir às ruas para mostrar os desafios da rotina dos repórteres durante a cobertura de um fato. Em 18 de novembro de 2014, 1 de agosto de 2018, 2 de outubro de 2019 e 15 de março de 2022 o foco foi a transgeneridade. A edição de 2018 contou com a participação de Laerte. A proposta era debater: transexualidade na infância, na juventude e na idade mais avançada da vida, a transformação com doses de hormônio, os riscos de uma cirurgia clandestina, os pais diante de um filho transgênero e o namoro entre pessoas trans.

Em 2 de junho de 2015, estreou *Transando* com Laerte, um programa de entrevistas, que se define da seguinte forma na plataforma Globoplay (2021): "O programa traz conversas informais, momentos delirantes e situações emotivas. Laerte e seus convidados conversam sobre os mais distintos temas em cada programa". O programa tem quatro temporadas. A primeira, segunda e terceira com 26 episódios e a quarta, com 25. Exibido semanalmente, cada edição tem em média 12 minutos de duração em que são abordados, especialmente, temas relacionados à cultura e política.

Dos 103 episódios, disponíveis na plataforma Canais Globo, que comporta o *Transando com Laerte*, 13 são com pessoas trans e o tema de discussão é a transgeneridade. Na primeira temporada, de 2015, são entrevistadas: Maitê Schneider, no sexto episódio, e Márcia Rocha, no décimo nono. Na segunda, em 2016, é a vez de Rogéria, João Nerye Letícia Lanz no segundo, décimo primeiro e décimo oitavo, respectivamente. A terceira temporada, de 2017, traz Linn da Quebrada, no segundo programa, Amara Moira, no sétimo, Wallace Ruy, no décimo quinto, e Priscila Bertucci, no décimo

oitavo. A quarta temporada conta, em 2018, com a participação de Liniker, Leona Jhovy, Neon Cunha e Renata Perón no primeiro, terceiro, décimo sétimo e vigésimo primeiro episódios, respectivamente. Com essa produção do Canal Brasil, Laerte deixa de ocupar o lugar de entrevistada e é responsável por conduzir as entrevistas.

O ano de 2017 também marcou a estreia, no dia 1º de maio, de um documentário na Netflix. *Laerte* tem direção de Lygia Barbosa e Eliane Brum. Com duração de 1h40, o filme se propõe a mostrar a construção da identidade de gênero de Laerte. Com entrevistas de Eliane Brum, a cartunista revela um pouco do seu dia a dia, do trabalho e também do que pensa sobre questões de gênero. Ao longo do filme, além de Laerte, são entrevistados parentes da cartunista, incluindo filhos.

No mesmo ano, foi convidada do programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo. Na edição de 25 de julho, conversou com o jornalista Pedro Bial sobre sua trajetória profissional e também pessoal, abordando o processo de transição e o reconhecimento como mulher trans. Com estreia em maio de 2017, o *Conversa com Bial* discute assuntos contemporâneos com convidados. A edição com Laerte tem em torno de 45 minutos e conta com a participação do filho da cartunista, Rafael Coutinho.

3 O DISCURSO DOS PROGRAMAS SOBRE TRANSGENERIDADE A PARTIR DE LAERTE

"[...] quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem?" (FOUCAULT, 2007, p. 56). Com essas perguntas, Michel Foucault (2007) questiona as condições necessárias para alguém, no universo de sujeitos possíveis, ganhar o direito de entrar em uma determinada ordem discursiva. De acordo com o teórico francês, os enunciados não podem vir de quem quer que seja. Para determinada fala ter valor e eficácia, ela precisa ser articulada por uma instância produtora que domine o saber e o poder necessários para enunciação e garanta, pelo menos, uma presunção de verdade ao enunciado.

Também é preciso entender o que se quer dizer com sujeitos do discurso. Quando o teórico francês pergunta se é possível falar de um enunciado sem uma voz ter realizado a enunciação, ele atribui a um sujeito falante e à materialidade do discurso um dos critérios que caracterizam determinado ato discursivo como enunciado. No entanto, se o sujeito do enunciado, à primeira vista, parece ser aquele que precisamente produziu os diferentes elementos com a intenção de significação, um olhar mais apurado concebe o sujeito do enunciado como diferente daquele responsável pela sua formulação. O sujeito do enunciado não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de uma frase. Ele é, de acordo com Foucault (2007, p. 108), um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes. Se um enunciado existe não é porque houve um dia alguém para proferi-lo.

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Em vez de remeter a um sujeito que pensa, conhece e diz, Foucault prefere pensar no sujeito como um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. A atividade do sujeito não estaria, dessa forma, ligada a uma consciência, mas a uma prática discursiva, aos diversos lugares, status, e posições que podem ser ocupados para uma enunciação. Ao trazer Laerte e apontá-la como sujeito, se quer apresentá-la como autora de formulações sobre transgeneridade e como sujeito, não consciente, mas descontínua a si mesma que caracteriza as formulações pelas lutas das pessoas trans enquanto enunciado.

Também em Foucault (2007), compreende-se discurso como uma rede de enunciados e de relações que tornam possível o sentido. O autor define discurso como conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação. É por isso que, para ele, pode-se falar em discurso econômico, discurso psiquiátrico, por exemplo. Foucault (2007) explica que o enunciado está sempre em relação a um domínio de objetos, prescreve uma posição definida a qualquer sujeito possível, está situado entre outras performances verbais e tem uma materialidade repetível. A materialidade não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado, que precisa ter uma substância, um lugar e uma data.

A observação da materialidade dos discursos sobre transgeneridade a partir de Laerte nos programas investigados levou a identificar recorrências enunciativas. São da seguinte ordem: Pessoas trans enquanto objeto de investigação; Uso dos pronomes e nomes das pessoas transgêneras; Foco na narrativa de transição; Determinação de papéis de homens e mulheres; Desconstrução da ideia de gênero; Transformações no corpo e Direitos da população LGBTQIAP+.

A primeira delas é sobre a dificuldade que pessoas trans têm em ser objetos de investigação.

Às vezes você sente que está no meio de um debate permanente? Desde a hora que você acorda até a hora que você vai dormir? Você está sempre tendo que responder coisas: por que é que essa axila tá toda depilada? É isso de você sentir que está no centro de uma roda de juizes. Todos sempre julgando você. Alguns apoiando, outros metendo pau. Você é um tema de um debate (LAERTE, 2018b).

O desabafo foi feito no programa *Transando com Laerte*, na quarta temporada, em 20 de junho de 2018, durante entrevista com a atriz Leona Johvs, convidada do terceiro episódio, depois de ouvir da entrevistada:

Na verdade, todo mundo tem muita curiosidade para isso, né? Para saber dos nossos corpos, para saber como a gente sente prazer, para saber o que a gente tem, se a gente ainda tem, se a gente não tem mais. Eu acho supernatural essa curiosidade, mas existe a forma que a pessoa vai se colocar como curiosa para esse indivíduo (LEONA, 2018).

O desconforto de Laerte em dar entrevistas aparece no *Profissão Repórter*, quando ela, durante um evento, diz que não está conseguindo se expressar e depois, respondendo a uma pergunta de Caco Barcellos, revela: "Eu não resolvi não falar. Eu não consegui falar" (LAERTE, 2014). Há também, no documentário *Laerte-se*, logo no começo do filme, um momento em que a cartunista tenta adiar a entrevista com Eliane Brum.

Por que que eu estou sendo alvo dessa câmera? Eu tenho uma certa resistência a me ver como um objeto de investigação, de uma tensão. Essa é uma coisa que me incomoda nas entrevistas. Eu acabo respondendo, claro, porque também me interessa responder (LAERTE, 2017a).

Assim, entende-se que, ao mesmo tempo que importa para a cartunista divulgar as discussões sobre gênero na mídia, causa desconforto ter que se submeter às lentes, microfones e gravadores dos profissionais da comunicação porque não deixa de ser um momento em que a entrevistada passa a ser um objeto de investigação.

Outra recorrência identificada diz respeito ao uso do pronome na menção de uma pessoa transgênera. Caco Barcellos e Pedro Bial, por exemplo, iniciam as entrevistas com Laerte quase da mesma forma. Barcellos (2014) pergunta se deve chamar a cartunista de ele ou ela, enquanto Bial (2017) ressalta que foi avisado pela produção para ter cuidado no uso dos pronomes e questiona se essa é uma questão importante. Bial diz que o discurso do politicamente correto, para usar o pronome "ela", é um pouco chato porque engessaria a entrevista, mas a perspectiva do apresentador se volta para como ele e não para como a entrevistada se sente. Laerte responde a Barcellos e a Bial que podem usar o pronome que desejarem. Lembra que muitas pessoas a conheceram no masculino e têm dificuldades de usarem o feminino. Ressalta que, para ela, não tem problema. No entanto, no *Conversa com o Bial*, destaca que incomoda o uso do pronome inadequado quando desrespeita a pessoa transgênera. É possível identificar que, por vezes, nas entrevistas dadas, a própria Laerte faz referência a si mesma no masculino e ela o faz porque considera que cada pessoa pode reivindicar para si as nomenclaturas que desejarem em conformidade com o guia de referência do Glaad para a mídia⁶, que sugere, ao longo da publicação: "sempre use o nome e o pronome escolhidos por uma pessoa transgênera" (GLAAD, 2021). Quando Laerte varia a forma como deseja ser definida, filia-se a discussões subversivas sobre questões de gênero, que estão mais preocupadas em desconstruir padrões do que em criar categorias.

Uma terceira recorrência enunciativa encontrada é o foco na narrativa de transição. O repórter Caco Barcellos, líder das equipes de reportagens, diz, enquanto fotografias antigas da cartunista Laerte são exibidas: "Este era o Laerte que conheci 30 anos antes de ter virado mulher. Bigodão, barba, aparência de homem sério" (BARCELLOS, 2014). Ao mostrar imagens de como ela era, o repórter resgata o passado e, de acordo com o Glaad, retoma uma época que pode não fazer mais parte dos interesses da pessoa transgênera. Barcellos reforça os estereótipos falando em bigodão e ainda ressalta a expressão "homem sério" para evidenciar a estranheza que a mudança em Laerte causa. No mesmo episódio, a abordagem da equipe de reportagem faz, para a mulher transgênera Pâmela Severo, perguntas como: Onde estão as fotos quando você nasceu menino? Como você fez para ter seio? Você já chegou a pensar em fazer a cirurgia. A entrevistada diz: "Me pergunta toda vez a mesma coisa. Eu me aceito e amo do jeito que eu sou" (PÂMELA, 2014). Ainda nesta edição, outra equipe de reportagem começa a entrevista com um homem transgênero querendo saber o nome de registro. Ele diz: "Então, essa é uma das perguntas que a gente geralmente não faz para uma pessoa trans" (LUCIANO, 2014). O Glaad na estruturação do guia de comunicação com pessoas transgêneras reforça as violências e dificuldades enfrentadas por esse grupo social. "Vá além da narrativa de transição [...] focar constantemente na transição é redutor porque transmite a impressão de que a transição é a única coisa interessante sobre pessoas transgênero" (GLAAD, 2021).

Mais uma recorrência é a determinação de papéis de homens e mulheres. Depois do evento LGBTQIAP+ mostrado no *Profissão Repórter*, em que não conseguiu falar, Laerte só volta a se encontrar com Caco numa praça na região central de São Paulo frequentada por gays e pessoas transgêneras. A escolha da praça para dar entrevista não parece ter sido por acaso, porque é um lugar de acolhimento para o público LGBTQIAP+. As perguntas feitas pelo repórter continuam, no entanto, numa linha que prioriza o confronto da Laerte atual com o passado da cartunista. Barcellos (2014) lembra da infância e pergunta se ela gostava de ser menino, de jogar bola, torcer para time, reforçando padrões de comportamento que limitam os papéis de gênero na sociedade. É como se somente homens pudessem jogar futebol, ter um time preferido.

Eliane Brum (2017) inicia o seu trabalho, em *Laerte-se*, falando sobre como os pais de Laerte reagiram ao vê-la vestida de mulher. Para a repórter, a cartunista fala sobre como a mãe lidou com a questão com humor e depois reagiu ponderando os aspectos biológicos do que é ser homem ou mulher na perspectiva científica e também sobre a reação do pai, que, no começo, foi mais resistente.

As disputas em torno da questão de gênero aparecem a partir da década de 60 com o avanço do movimento feminista, quando o termo passou a ser usado para se referir ao papel social e cultural do sexo, que ainda era compreendido sob a perspectiva biológica e natural, funcionando como determinante do gênero. Ou seja, "o sexo era a verdade da natureza, como muitos ainda pensam no âmbito do senso comum. A ideia de gênero veio dar conta do caráter produzido da sexualidade" (TIBURI, 2016, p. 10).

Com os estudos de Michel Foucault (2009), o entendimento sobre sexo ganha outro viés ao explicar o sexo como uma produção do discurso. Para o filósofo, sexualidade e sexo não seriam verdades em suas essências, mas construções históricas.

As pesquisas de Judith Butler também rompem com a noção da naturalidade do sexo e do gênero. De acordo com Butler (2016), é importante contestar o status quo que consiste em deslocar categorias tais como "homem", "mulher", "macho" e "fêmea", revelando como elas são discursivamente construídas no interior de uma matriz heterossexual de poder.

Sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas. Em outras palavras, nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero.

O gênero é, nesse sentido, efeito de discursos. Ao empregar a palavra discurso, Butler está não apenas se referindo à "fala" ou à "conversa", mas às formulações de Foucault sobre o discurso como "grandes grupos de enunciados" que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momento históricos específicos. Assim, surgem como condições definidoras do gênero nas sociedades o falocentrismo e a heterossexualidade.

A performatividade de gênero, para Butler (2016), diz respeito à ideia de que a repetição de atos, gestos, atuações, desejos, entre outros, a partir dos discursos, produzem na superfície dos corpos, a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, performatizando nossos modos de ser masculino e feminino, com o propósito de materializar nos corpos uma heterossexualidade obrigatória e reprodutora. Apesar, no entanto, de serem feitos sob essas perspectivas, para a autora, os gêneros podem ser construídos de maneiras diferentes e subversivas.

O filósofo Paul B. Preciado (2014b) afirma que o gênero não é apenas performativo, mas resultado de uma tecnologia sofisticada que produz corpos sexuais. Desse modo, assim como em Foucault (2009), Preciado pensa o sexo, pelo menos a partir do século XVIII, como sendo uma tecnologia biopolítica. “Isto é, como um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (PRECIADO, 2014b, p.79).

Preciado (2014a) apresenta, então, os conceitos de contrassexualidade e sexopolítica como recursos que rompem com a ordem de opressão e sujeição dos corpos. Com a ideia de contrassexualidade, nos leva a uma noção na qual,

[...] tanto o sexo quanto o gênero e a sexualidade são apresentados como efeitos de dispositivos no interior de um sistema tecnológico e sociopolítico complexo que trabalha por dualidades (homem e mulher, homossexual e heterossexual), e mesmo categorias como a de transexual são produtos, efeitos, usos e desvios que incidem sobre os corpos (BENTES, 2017, p. 96).

No livro “Manifesto Contrassexual”, os corpos não se reconhecem mais como homens ou mulheres, mas podem reivindicar as sexualidades que quiserem. Para Preciado (2014a), as práticas contrassexuais devem ser compreendidas como tecnologias de resistência e como forma de contradisciplina sexual.

Conceitualmente, as pessoas que se definem como homens ou mulheres e se identificam com o gênero que foram designados ao nascer, a partir de critérios biológicos, são consideradas cisgênero, ou cis. Diante das subversões a esse modelo, surge a noção de transgeneridade, que está relacionada a pessoas cuja identidade de gênero é diferente daquela atribuída quando bebê.

A transgeneridade congrega pessoas transexuais e também travestis. Há, no entanto, dificuldade em diferenciar pessoas transexuais e travestis. Barbosa (2010) considera não ser possível usar essas categorias estritamente por meio de aspectos relacionados a gênero e sexualidade. Para o autor, é necessário entender variantes como diferenças de classe, cor/raça e geração. Nota-se uma disputa simbólica e política, então, no uso dessas nomenclaturas e Laerte, reconhecendo isso fala em pessoas transgêneras, pessoas T.

As pessoas transgêneras podem ainda ser binárias ou não-binárias. As binárias se reconhecem como homens ou mulheres e as não-binárias não se limitam às definições de masculino ou feminino.

Quando sai do papel de entrevistada e ocupa a função de entrevistadora, o uso do pronome e a reação de outras pessoas diante da transição dos entrevistados não são abordadas por Laerte. O foco da entrevista é sobre uma discussão política em torno do tema da transgeneridade ou sobre aspectos culturais e sociais que afetam a vida de pessoas transgêneras.

Laerte recorre frequentemente, em seu discurso, à desconstrução de gênero. No *Conversa com o Bial*, por exemplo, defende a ideia de que existe uma parte da cultura que tende a codificar tudo.

[...] a canonizar tudo: ato sexual, pensamentos, sentimentos, sentimento de mulher, sentimento de homem, modos de vestir, modos de sentar [...] Mas isso tudo são invenções, são convenções que estão caindo, não se sustentam mais. As pessoas estão com desejo de quebrar essas coisas (LAERTE, 2017c).

Em *Laerte-se*, a cartunista, contestando a visão da mãe, que é bióloga e privilegia o discurso científico, defende a ideia de que está fazendo uma investigação sobre a mulher que ela pode ser.

Estou descobrindo, dentro do que existe no universo das coisas oferecidas para mulher, aquilo que me serve, aquilo que me cai, aquilo que me expressa, né? [...] Também porque essa questão está se tornando algo de menor importância. Acaba sendo assim: para que eu preciso oficialmente ser mulher ou homem, né? Eu estou construindo uma identidade feminina, mas é que eu não preciso de identidade nenhuma (LAERTE, 2017a).

Nas entrevistas com as cantoras Linn da Quebrada e Liniker, no segundo episódio da terceira temporada e no primeiro episódio da quarta temporada do *Transando com Laerte*, veiculadas no dia 13 de junho de 2017 e 5 de junho de 2018, respectivamente, reflete sobre a forma como as novas gerações lidam com as questões de gênero e sexualidade. Para Linn, diz que ela é responsável por uma nova linguagem da transgeneridade, em que as intervenções no corpo não são imprescindíveis (LAERTE, 2017b). No diálogo com Liniker, faz referência para a mesma impressão.

Pois é um novo traço comum dessa nova expressão de gênero e sexo. Eu acho que é essa, é a pouca ou é a relativa importância que se dá às transformações do corpo, intervenções cirúrgicas pelo menos. Você tem pensado sobre essa questão de mudar o corpo assim? (LAERTE, 2018a).

As transformações no corpo são também regulares no discurso da cartunista. Pedro Bial, quando trata das diferenciações entre *cross dressers* e pessoas transgêneras, pergunta se Laerte "vai colocar peito" (BIAL, 2017). Laerte recorre, então, a sua visão sobre gênero e diz que não existe uma única forma de expressar a transgeneridade e não responde sobre a possibilidade de implantar os seios. Brum (2017) também questiona a cartunista em Laerte-se. No documentário, que estreou em maio de 2017, mais de dois meses antes da entrevista no *Conversa com Bial*, a cartunista fala sobre a vontade que tem em ter seios. Há até um registro da visita a um médico, mas o foco acaba sendo muito o que pensa Laerte sobre a questão do que se ela pôs de fato ou não.

É possível ser mulher e deixar de fora a questão do corpo? De jeito nenhum pode deixar o corpo de lado, mas também não pode se resumir ao corpo [...] Não pode aceitar a biologia como único norte. Teu útero é o teu destino. E não é assim. O corpo é uma parte de uma negociação complicada [...] Eu tenho aprendido que é possível ser mulher com a minha genitália sim. O que é se sentir mulher? É algo que eu me sinto. É algo que eu venho me sentindo cada vez mais (LAERTE, 2017a).

Aproxima-se, mais uma vez, das discussões contemporâneas que questionam as ideias de gênero e tentam desconstruir compreensões estabelecidas socialmente, como a biológica. Ela concorda com a atriz Wallace Ruy que diz, no décimo quinto episódio da terceira temporada, no dia 13 de setembro de 2017, que haverá uma vivência de as pessoas serem livres quando "a gente falar com uma mulher que chama Wallace, com um homem que chama bruna, com, sem pau, com ou sem boceta" (WALLACE, 2017).

Outro discurso regular de Laerte está relacionado aos direitos da população LGBTQIAP+. Mesmo com críticas ao movimento, Laerte, no *Profissão Repórter* e na entrevista com Priscila Bertucci, no episódio 18 da terceira temporada do *Transando com Laerte*, exibida no dia 4 de outubro de 2017, trata do manifesto do pronome "ile" para uma comunicação inclusiva (LAERTE, 2014; LAERTE, 2017d), visto que o uso desse pronome comportaria pessoas não binárias. Também faz ponderações em relação ao movimento LGBTQIAP+ por causa das regras criadas por alguns segmentos do grupo que determinam como as pessoas devem agir ou se comportar para poder serem integradas ao grupo. Diz, em *Laerte-se*: "Se ela faz cirurgia, se não faz, não faz diferença porque ela é aceita. É esse o ponto que a gente tem que forçar" (LAERTE, 2017a). A ideia defendida por ela é a de que as pessoas possam reivindicar para si o gênero que quiserem. É o que ela faz na entrevista com Pedro Bial, quando afirma: "Eu sou pai. Eu sou avô e sou mulher" (LAERTE, 2017c).

Também, em *Laerte-se*, a temática sobre o uso do nome social surge quando ela diz estar satisfeita com o seu nome. "Cheguei à conclusão que não, que gosto muito do meu nome. Tem uma mulher chamada Laerte" (LAERTE, 2017a). Trata da violência contra pessoas transgêneras na entrevista com Renata Perón, no episódio 21 da quarta temporada, veiculado no dia 15 de agosto de 2018, concordando com a entrevistada que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans (LAERTE, 2018c). É importante destacar também como a cartunista se coloca em um lugar de privilégios. No *Conversa com Bial*, em *Laerte-se* e também, por vezes, no *Transando com Laerte*, diz que não precisou de muita coragem durante o seu processo de transição.

Eu fico pensando que eu fiz algo que demorei 60 anos pra fazer. Eu fiz isso num momento em que o custo era muito baixo. O que eu perderia? Trabalho? Dificilmente. Eu já tinha um capital de respeito profissional que podia perder alguma coisa. 'Ah, não vamos pedir para aquela traveca não'. Podia acontecer, mas não aconteceu (LAERTE, 2017c).

A cartunista também defende o direito de as pessoas transicionarem independente da idade. Na conversa com Liniker, Laerte considera que a geração da cantora lida com questões de gênero e sexualidade de uma maneira muito diferente na comparação com a dela.

[...] como se a minha tivesse lidado de um jeito muito espetacular [...] Eu comecei a entender negócio de gênero e a me entusiasmar com essa ideia quase sexagenária. É verdade que as pessoas não se enrustem mais tanto assim" (LAERTE, 2018a).

E, ao responder, no *Conversa com Bial*, a uma questão do apresentador sobre o espanto que causa a idade em que ela fez sua transição, Laerte (2017c) responde, primeiro, dizendo que foi o tempo necessário para aceitar que tinha desejo por homens. Em *Laerte-se* e no *Transando com Laerte*, no episódio 18 em que conversa com Letícia Lanz, na segunda temporada, reforça que precisou se tornar mulher para poder desbloquear o interesse pelo gênero masculino (LAERTE, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar, depois de anos de luta por visibilidade e direitos do movimento social LGBTQIAP+, um investimento da mídia televisiva e do streaming em abordar temáticas de interesse desse grupo. A questão da transgeneridade, como visto anteriormente, foi mostrada muito sob a perspectiva do humor sem respeito. Nos últimos anos, nota-se um tratamento sob o viés, ainda, ora da exotificação, ora dos direitos.

A partir do estudo realizado neste artigo, percebeu-se, no discurso do *Profissão Repórter*, *Conversa com Bial e Laerte-se*, uma abordagem muitas vezes exotificante, aquela que tenta enquadrar o outro sempre pelo que ele tem de diferente e não pelo que existe de semelhante. Ao focar no passado, no pronome que deve usar, Caco Barcellos e Pedro Bial não avançam em um tratamento adequado para a entrevistada.

A observação do *Conversa com o Bial* também mostrou um apresentador mais preocupado no que causa desconforto a ele do que para a entrevistada, por exemplo, quando fala que é chato o discurso politicamente correto do uso dos pronomes de acordo com o gênero que a pessoa se identifica. Além disso, Pedro Bial (2017) faz perguntas íntimas sem constrangimento, quando, ao questionar a diferença entre categorias da transgeneridade, aproveita para perguntar se Laerte vai colocar peito, alimentando a construção e difusão de estereótipos de gênero a partir da mídia, quando, na verdade, poderia contribuir para diversificar os modos de se entender a transgeneridade.

No documentário *Laerte-se*, Eliane Brum (2017) começa a entrevista perguntando como os pais de Laerte reagiram ao vê-la vestida de mulher e também faz perguntas íntimas como se ela vai colocar peito, se tiraria algo. Há guias de referência para que os profissionais da mídia conversem com pessoas transgêneras de uma forma mais adequada como o do Glaad. Para além do guia, cabe reforçar a necessidade de contribuir para um olhar mais longo, generoso e integral no discurso sobre a transgeneridade.

Por fim, com todas as incertezas de Laerte sobre gênero e sexualidade, que fazem dela uma portavoza da transgeneridade muito instigante, ao assumir publicamente suas inquietações e dúvidas a respeito de si e das categorias criadas pela ciência, pela militância diante desse universo, percebe-se no *Transando com Laerte* um ambiente em que a apresentadora se sente muito à vontade. Apesar de todas as pessoas trans serem convidadas para falar sobre transgeneridade, quando poderiam falar sobre outros assuntos, compreende-se que faz parte da necessidade da própria cartunista em tematizar a questão e, em seu programa, isso se torna possível entre pessoas transgêneras o que revela um discurso que prioriza o cuidado de si, que, para Foucault (2010), implica uma conversão do olhar, quando é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para "si mesmo".

Não se quer dizer, no entanto, que apenas pessoas transgêneras podem entrevistar outras pessoas trans, mas cabe aos profissionais que vão conversar com pessoas LGBTQIAP+ pesquisarem sobre o tema e, a partir de guias, investir em um conteúdo que contribua para a valorização das humanidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 130 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-09032010-115929/pt-br.php>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BARCELLOS, Caco. In: **Profissão Repórter [Transexualidade]**. Rio de Janeiro: 18 nov. 2014.

BENTES, Ivana. Biopolítica feminista e estéticas subversivas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 93-109, mai-ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/133380>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUM, Eliane. In: **Laerte-se**. São Paulo: Netflix, 1 maio 2017.

BUCCHIONI, Tulio Heleno de Aguiar. **Laerte "vestido de mulher": uma investigação sobre representações de gênero e sexualidade na mídia**. 158 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13032017-105701/publico/2016_TulioHelenoDeAguiarBucchioni_VersaoCor.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

BULLA, Vera Maria. Gênero em Transição: **Hugo e Muriel no Mundo Imaginário de Laerte**. **Transverso**, Minas Gerais, v. 6, n. 6, p. 31-52, dez. 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/4007/2177>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANAIS GLOBO. **Transando com Laerte**. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/canal-brasil/transando-com-laerte/t/PPCS5vCF6S/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DIREITOS iguais nas diferenças: **cartilha da diversidade de gênero**. Rio Grande do Sul: Secretaria de Políticas para as mulheres. 2014.

DIVERSIDADE sexual e cidadania LGBT. **Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual**. 3. ed. São Paulo: SJDC/SP, 2018.

FINOTTI, Ivan. Acho possível sair na rua e ser aceita dessa maneira. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 4 nov. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411201012.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno (2002). O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, n. 28, v. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GLAAD Media Reference Guide - Transgender. **Glaad**. Disponível em: <https://www.glaad.org/reference/transgender>. Acesso em: 10 jun. 2021.

HARTMANN, Jeniffer Morel. **Identidades trans em pauta: Representações sociais de transexuais e travestis no telejornalismo policial brasileiro contemporâneo**. 70 f. Monografia (Curso de Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30402937.pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

LAERTE. In: **Profissão Repórter [Transexualidade]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 18 nov. 2014.

LAERTE. In: **Transando com Laerte [Letícia Lanz]**. São Paulo: Canal Brasil, 12 out. 2016.

LAERTE. In: **Laerte-se**. São Paulo: Netflix, 1 maio 2017a.

LAERTE. In: **Transando com Laerte [Linn da Quebrada]**. São Paulo: Canal Brasil, 13 jun. 2017b.

LAERTE. In: **Conversa com Bial [Laerte e Rafael Coutinho]**. São Paulo: Rede Globo, 25 jul. 2017c.

LAERTE. In: **Transando com laerte [Priscila Bertucci]**. São Paulo: Canal Brasil, 4 out. 2017d.

LAERTE. In: **Transando com Laerte [Liniker]**. São Paulo: Canal Brasil, 5 jun. 2018a.

LAERTE. In: **Transando com Laerte [Leona Jhovs]**. São Paulo: Canal Brasil, 20 jun. 2018b.

LAERTE. In: **Transando com Laerte [Renata Perón]**. São Paulo: Canal Brasil, 15 ago. 2018c.

LEONA. In: **Transando com Laerte [Leona Jhovs]**. São Paulo: Canal Brasil, 20 jun. 2018.

LUCIANO. In: **Profissão Repórter [Transexualidade]**. Rio de Janeiro: 18 nov. 2014.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MÍDIA DADOS BRASIL, 2020. **Para todxs**. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, 2020. Disponível em: <https://midadados2020.com.br/midia-dados-2020.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Caldas. **Viver e morrer travesti no jornalismo policial: uma análise da desconstrução da identidade trans em portais paraibanos**. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15012/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 8 maio 2020.

PÂMELA. In: **Profissão Repórter [Transexualidade]**. Rio de Janeiro: 18 nov. 2014.

PEDRO BIAL. In: **Conversa com Bial [Laerte e Rafael Coutinho]**. São Paulo: Rede Globo, 25 jul. 2017.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014a.

PRECIADO, Beatriz. Historia de la tecnossexualidad. In: _____. **Yonqui: sexo, drogas y biopolítica**. Buenos Aires: Paidós, 2014b. p. 63-88.

RIBEIRO, Irineu Ramos. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: GLS, 2010.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **A nova retórica do capital: a publicidade em tempos neoliberais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

STYCER, Mauricio. Netflix já tem mais assinantes no Brasil do que a TV paga, diz pesquisa. UOL, **Splash**, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/09/10/netflix-ja-tem-mais-assinantes-no-brasil-do-que-a-tv-paga-diz-pesquisa.htm>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SECO, Raquel. Laerte Coutinho e as duas caras do Brasil. El País, **Estilo**, 15 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/estilo/1452687971_322515.html. Acesso em: 31 maio 2021.

SOUZA, Ramon de. Globoplay já tem 20 milhões de usuários e é líder nacional de streaming. **Canaltech**, Entretenimento, 8 out. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/globoplay-ja-tem-20-milhoes-de-usuarios-e-e-lider-nacional-de-streaming-172792/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

TIBURI, Marcia. **Judith Butler: feminismo como provocação**. Cult, São Paulo, ano 19, jan. 2016. p. 8-11.

WALLACE. In: **Transando com Laerte [Wallace Ruy]**. São Paulo: Canal Brasil, 13 set. 2017.

Artigo recebido em: 18 mar. 2022. | Artigo aprovado em: 25 abr. 2022.